

31/10/2018 - 05:00

EUA devem evitar guerra fria com a China

Por **Martin Wolf**

Qual foi o acontecimento mais importante até esta altura de 2018? Quase indiscutivelmente foi o discurso do vice-presidente americano, Mike Pence, sobre as relações EUA-China, no dia 4 deste mês. Ele declarava a intenção dos EUA de confrontarem a China em ascensão, de cabo a rabo: sua "interferência na política americana"; suas políticas de comércio exterior e investimentos; o suposto roubo de propriedade intelectual e os planos de desenvolvimento industrial; sua "diplomacia da dívida"; e "cultura da censura". O objetivo seria redefinir a relação econômica e estratégica dos EUA com a China", disse, "para finalmente pôr os EUA em primeiro lugar".



O ex-premiê da Austrália, Kevin Rudd, um especialista em China, nega que estejamos no início de uma "nova Guerra Fria". Ele tem razão, se com isso estivermos nos referindo a um conflito idêntico ao que se deu entre os EUA e a União Soviética após a Segunda Guerra Mundial. Mas essas diferenças, embora verdadeiras, não são tão animadoras assim. Os atritos entre os EUA e a China podem ser ainda mais danosos do que a Guerra Fria.

Esta última, pelo menos, permaneceu relativamente "fria", ao contrário das duas guerras mundiais que a precederam. Além disso, limitou-se, em grande medida, à ideologia e à segurança. Os danos que um conflito EUA-China poderiam infligir à gestão dos bens comuns mundiais e da prosperidade mundial poderiam ser enormes, em parte devido ao fato de os dois países serem tão imbricados entre si. Uma nova rivalidade estratégica poderia também ficar "quente" - em torno da Coreia do Norte, de Taiwan ou do Mar do Sul da China, por exemplo. Lembremos que a Guerra Fria quase ficou quente por causa de Cuba, em 1962.

Guerra fria ou não, esse conflito estratégico parece profundo e duradouro. "Não cederemos enquanto nossas relações com a China não forem fundamentadas na igualdade de condições, reciprocidade e respeito à soberania", disse Pence.

Quem avaliará se esse nirvana foi conquistado? Os EUA, claro, é a resposta. Sob que circunstância pode o país concordar que seu objetivo foi alcançado? Em vista do maniqueísmo que povoa boa parte do pensamento americano, uma resposta plausível é: não antes de a China vir abaixo. Observe-se também que a decepção com a trajetória da China não se limita à direita. Significativamente, Kurt Campbell e Ely Ratner, autoridades do governo de Barack Obama, argumentaram em artigo publicado na revista "Foreign Affairs" que "o compromisso" com a China não a transformou no país política e economicamente aberto que os EUA esperavam.

Em resumo, tudo indica que estamos no início de um conflito prolongado entre os EUA e a China. Os EUA dizem que desejam transformar a China. A China teme, com alguma dose de razão, que os EUA queiram deter sua ascensão. Pensadores "realistas" de relações exteriores argumentarão que o conflito não surpreende: no anárquico mundo da grande política do poder, essa luta pela supremacia é inevitável, argumenta John Mearsheimer, da Universidade de Chicago. Muitas vezes segue-se a guerra, replica Graham Allison, de Harvard.

Essas profecias podem ser "realistas". Mas o comportamento também pode ser tresloucado. Talvez a Primeira Guerra Mundial tenha sido inevitável, mas quem acha que ela foi uma boa ideia?

Os EUA têm bons motivos para evitar o conflito sem data para acabar com a China. Um deles é que, ao contrário da URSS, a China não é, na verdade, uma concorrente ideológica, a não ser por encarnar a autocracia que o presidente Donald Trump admira

Os EUA têm bons motivos para evitar o conflito sem data para acabar declarado por Pence. Um dos motivos é que, ao contrário da União Soviética, a China não é, na verdade, uma concorrente ideológica, a não ser por encarnar a autocracia que o presidente Donald Trump admira. Outro motivo é que o conflito tende a ser oneroso, mesmo que a guerra aberta seja evitada, como argumenta o estudioso das relações sino-americanas, Minxin Pei.

Quem acredita agora que os EUA travariam um conflito desse tipo em sã consciência? As destrutivas políticas comerciais de Trump reforçam as dúvidas, assim como seus ataques aos aliados dos EUA. Os EUA precisam reconhecer também que a China possui ativos de enorme magnitude: o tamanho de sua população, sua economia dinâmica e sua relevância como mercado para muitos países. Naturalmente, a China também tem muitas fragilidades importantes. Mas a esperança de que a China simplesmente se renda ou desapareça, como fez a URSS, é absurda.

Como a rivalidade poderá ser administrada, então? Eu sugeriria cinco princípios.

Primeiro, reconhecer que a China não é "nossa" para a formarmos ou a transformarmos. Ela é dos chineses e de mais ninguém.

Segundo, entender que a organização política da China provavelmente permanecerá diferente da do Ocidente por período indefinido. Hoje, infelizmente, chegamos a parecer mais tendentes a ficar como a China do que vice-versa.

Terceiro, concentrar a atenção em comportamentos meticulosos e mensuráveis que afetam outros, e fazer isso de maneira coerente e pautada por princípios. Não tentar deter o desenvolvimento da China. Isso é claramente equivocado.

Se quisermos que a China obedeça as regras comerciais, que tal fazermos isso nós mesmos? Se quisermos que eles reconheçam os direitos de propriedade intelectual, por que não reconhecer que eles podem ser excessivos e fatigantes? Se quisermos considerar os direitos humanos um campo não aberto a concessões, que tal reconhecermos nossas próprias falhas? Os chineses percebem a hipocrisia quando estão diante dela.

Quarto, reconhecer que a China é uma concorrente sob alguns aspectos, mas que é também uma parceira vital e essencial. Manter a estabilidade da economia mundial e administrar a mudança climática será impossível sem cooperação com a China. Não pautar a relação principalmente na concorrência estratégica. Neutralizar o poder da China onde for necessário, colaborando, ao mesmo tempo, com o país onde for essencial.

Quinto, entender o valor das alianças. Isso tem a ver com confiança. Se os EUA desejam estimular os países a resistir à intrusão chinesa, o país tem de ser visto como um aliado confiável. No governo de Trump, não foi.

Finalmente, ter confiança nos nossos valores de liberdade e democracia. Entender que é da criação de novas ideias que dependemos, e não da defesa das velhas ideias. Isso, por sua vez, depende da liberdade de investigação e da abertura aos maiores talentos de todo o mundo. Se os países ocidentais perderem esses valores, perderão o futuro. Nosso inimigo não é a China. Como disse o maior presidente dos EUA no século XX [Franklin Delano Roosevelt, em seu discurso de posse]: "A única coisa que devemos temer é o próprio medo". **(Tradução de Rachel Warszawski)**

Martin Wolf é editor e principal analista econômico do FT